



"A ESCOLA NÃO PODE SER UMA DIVERSÃO PERMANENTE"

Especialista português acredita que sistemas educacionais defasados fazem o aluno perder o interesse na escola

Por Isadora Rupp
isadora@humanaeditorial.com.br

Não é de hoje e tampouco original a idéia de que a educação é o principal investimento de um país. Dizem os políticos e teóricos que, para os outros setores deslancharem futuramente, o povo necessita de boa escola e formação adequada. Disso, não se tem dúvida. Porém, quais são os motivos do desinteresse em massa de crianças e adolescentes pela escola?

Para Domingos Fernandes, professor associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, que esteve em diversas capitais brasileiras no final de março para lançamento do seu livro *Avaliar para aprender: Fundamentos, práticas e políticas* (Editora Unesp), o problema principal são os sistemas educacionais. Segundo ele, preceitos desatualizados continuam a permitir que "mi-

Ihões de alunos percam o interesse pela escola, sejam reprovados ou simplesmente a abandonem sem quaisquer 'qualificações dignas'.

O autor português ministrou palestra para estudantes e pessoas envolvidas com educação em evento promovido pelo Grupo Educacional Uninter e pela Editora Ibepex, parceira da Editora Unesp no Paraná. Domingos, que já foi secretário de estado da administração educativa do governo português (2001-2002), lança um grito contra preceitos obsoletos e defende que a escola deve ser mais atraente para os jovens. Entretanto, de forma alguma ela pode ser transformada em um "parque de diversões". "A escola não tem de ser um entretenimento permanente".

Profissão Mestre: Em seu livro, o senhor afirma que os sistemas educacionais permitem que alunos percam o interesse pela escola. Por qual motivo isso acontece?

Domingos Fernandes: Isso ocorre porque, no essencial, a escola não se alterou significativamente nos últimos 50 anos. Quem sabe, nos últimos 100 anos, sendo mais pessimista. Pois bem. Se pensarmos na evolução que houve na sociedade, nos interesses que existem hoje, na velocidade que o conhecimento é divulgado, nas formas como as pessoas partilham projetos na vida real e na grande diversidade, verificamos rapidamente que a escola se deixou esclerosar.

Ela teve dificuldade e continua com dificuldade em adaptar-se às diversidades culturais e sociais, aos interesses, às ambições e aos desejos da juventude de nossos tempos. Portanto, a escola se tornou, num crescer recorrente, uma "chatice" para um número muito significativo de jovens.

Mas eu não quero - e isso é muito importante -, dizer com isto que a escola tem que ser uma diversão permanente. Ou que a escola tem que ser um parque de diversões. Nada disso! A escola é uma instituição

muito séria e deve se pautar por regras rigorosas, com ambições e sentimentos muito bem determinados e definidos, ou seja, tem que ser um lugar de tranquilidade onde os jovens possam aprender e saber de coisas que possibilitem a eles integrar-se na sociedade.

**"A ESCOLA É UMA
INSTITUIÇÃO MUITO
SÉRIA E DEVE SE
PAUTAR POR REGRAS
RIGOROSAS, COM
AMBIÇÕES E
SENTIMENTOS
MUITO BEM
DEFINIDOS. ELA
TEM QUE SER UM
LUGAR DE
TRANQUILIDADE
ONDE OS JOVENS
POSSAM APRENDER E
SABER COISAS QUE
POSSIBILITEM A ELES
INTEGRAR-SE NA
SOCIEDADE"**

PM: O Sr. também aborda questões sobre avaliação na sua obra. Acredita que as pessoas ainda têm uma visão de que a boa escola é a que reprova?

DF: Infelizmente, certas camadas da população, e mesmo pessoas mais informadas, pensam que a escola boa é uma escola com alto índice de repelentes. O conhecimento que nós temos, porém - e quando falo em conhecimento quero dizer o conhecimento científico -, nos mostra com toda evidência que reprovar, de fato, não é uma solução.

PM: Então, qual seria o método ideal?

DF: Não defendo que os alunos passem de ano sem saber. Nem pensar! O que os sistemas educativos têm de assegurar e que infelizmente ain-

da não asseguraram é que os alunos que têm dificuldades, e que são um número significativo, sejam devidamente apoiados e enquadrados em uma escola, que não pode ser a de 100 anos atrás, e sim uma escola que tenha projeto, que seja inteligente. Uma instituição onde os professores trabalhem cooperativamente e cordialmente, uma escola em que os pais também estejam empenhados e tenham uma palavra a dizer no desenvolvimento do projeto pedagógico. Os alunos têm de ter concepções muito sérias sobre o que é a escola para poder respeitá-la.

PM: Acredita que a escola não é uma instituição devidamente respeitada?

DF: A escola deveria ser um bem público muito respeitado por toda a sociedade. Por vezes, tenho dúvidas de que a sociedade, no seu conjunto, vê a escola como uma instituição inestimável. Eu acho que, na maior parte das vezes, a coletividade vê a escola como um depósito para crianças, e os professores como pessoas que têm que ensinar, e muitas vezes educar, proporcionando aquilo que as famílias não fazem em suas casas, ou na sua sociedade recreativa, ou na sua comunidade, ou na sua igreja.

A escola tem uma pressão muito grande sobre si. E, portanto, uma grande responsabilidade. Mas não podemos, pensar que a escola é por si só a solução para os problemas da sociedade, porque não é. Ela deve ser um lugar essencialmente de sucesso, onde se aprenda para ser gente, para se dar futuro às crianças e aos jovens.

PM: Essa seria a nova concepção sobre métodos de avaliação defendida no seu livro? Uma escola que fornecesse uma formação mais ampla?

DF: Sim. Temos de pensar novas formas de encarar a avaliação. Ela não deve ser apenas normativa, e sim, aplicar práticas pedagógicas que nada têm a ver com os exercícios pedagógicos clássicos.

PM: Por exemplo?

DF: Eu vou dizer algo que é um pouco perigoso. De tanto dito e martelado, todo mundo assume que está sendo feito, e não está. É o seguinte: as crianças e os jovens devem ser envolvidos ativamente em suas aprendizagens, para tomarem parte ativa do processo. Isso é muito fácil de se dizer. Todo mundo fala isso e depois ninguém discute como se faz. Para que esse processo de fato funcione, é necessário um investimento pedagógico alto e também um investimento político na formação dos professores. Outra medida essencial é o apoio àquilo que se passa na sala de aula. São fatos do cotidiano os principais instrumentos para o processo de ensino e aprendizagem. Muitas vezes, o que acontece é que o investimento em avaliação é feito apenas nas provas e exames externos.

Não estou dizendo que não se deve ligar para isso, estou de acordo, mas não pode ser somente aí ou essencialmente aí. O investimento tem que ser feito no local onde, supostamente, se tem que aprender e se deve ensinar. A avaliação deixaria de ser uma coisa terminal para se tornar algo no dia-a-dia das pessoas que estão na escola. Deve envolver os alunos, professores e os pais. Tem de ser encarada como um poderoso processo para melhoria das práticas de ensino e aprendizagem.

PM: Quais são as principais diferenças que o Sr. observa na educação entre Portugal, país que trabalhou, e o Brasil?

DF: Eu diria que, naturalmente, há diferenças que se explicam pelas questões culturais e dimensão do país. Mas, o fundamental é que os sistemas educativos, sejam no Brasil, em Portugal ou norte-americanos, são iguais. Os problemas são essencialmente os mesmos. E as sociedades, que tanto pedem à escola e que tanto estão insatisfeitas com ela, têm o mesmo sentimento aqui, em Portugal, nos Estados Unidos ou em outras diversas partes do mundo. Infelizmente, a ausência de investimento político naquilo que se passa dentro da sala de aula é tão grande num país do centro da Europa como num país da África ou da Ásia. Não há significativas diferenças.

PM: Como gerar a autonomia na aprendizagem? Isso levaria muito tempo para se concretizar?

DF: O processo de transformação da vida na escola é algo difícil. Exige muito investimento, profissionalismo por parte dos professores, conhecimento e que as escolas tenham projetos políticos-pedagógicos. Uma escola sem projeto é uma instituição sem cabeça. E uma pessoa formada num local assim será uma pessoa sem cabeça, à deriva. Não

posso deixar de dizer que é uma ação complexa, não é algo que possamos resolver sentados em uma cadeira. Temos que arregañar as mangas e lançar mãos ao trabalho.

**"INFELIZMENTE,
A AUSÊNCIA DE
INVESTIMENTO
POLÍTICO NAQUILO
QUE SE PASSA DENTRO
DA SALA DE AULA É TÃO
GRANDE NUM PAÍS DO
CENTRO DA EUROPA
COMO NUM PAÍS DA
ÁFRICA OU DA ÁSIA.
NÃO HÁ SIGNIFICATIVAS
DIFERENÇAS"**

PM: Qual seria o retorno disso?

DF: O que se pode trazer em termos sociais é inestimável. Não há uma aposta melhor que podemos fazer em qualquer sociedade do mundo, seja ela mais ou menos desenvolvida, do que o investimento nas pessoas e na formação. A sociedade bem educada vai promover coesão social e provocar uma coisa que é elementar na vida humana: satisfação, bem-estar das pessoas, das instituições e de toda a sociedade.

PM: Recentemente, professores da rede estadual de ensino de São Paulo foram avaliados nas matérias que ministram e tiraram nota zero. Qual a sua opinião sobre o fato?

DF: Sou um estrangeiro e talvez não seja adequado falar, já que é uma realidade que conheço menos e não cheguei a acompanhar tão bem esse caso. A única coisa que posso dizer é que não há ninguém que possa afirmar que para ensinar não seja preciso saber. É o óbvio. M



O autor Domingos Fernandes defende nova concepção de avaliação e estímulo à aprendizagem dos alunos



Avaliar para aprender: Fundamentos, práticas e políticas é um lançamento da Editora Unesp e pode ser adquirido pelo site www.unesp.com.br ou pelo telefone 11-3242-7171.